



A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO JEREMIAS A PARTIR DE
CONSTRUÇÕES DE RAÇA E DE GÊNERO NA HQ
JEREMIAS PELE, DE RAFAEL CALÇA E JEFFERSON
COSTA



CONSTITUTION OF SUBJECT JEREMIAS FROM RACE
AND GENDER CONSTRUCTION IN THE COMIC BOOK
JEREMIAS PELE BY RAFAEL CALÇA AND JEFFERSON
COSTA

Jeicinayra Vasconcelos SILVA
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Loyanny Alves RAMOS
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Guilherme FIGUEIRA-BORGES
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Resumo



O racismo, no Brasil, tem reflexos em esferas sociais como a família e a escola, delimitando práticas que desvelam desigualdade, violência, discriminação que ainda afetam a população negra no século XXI. Diante disso, neste artigo, traçamos por objetivo geral analisar a constituição identitária negra do sujeito Jeremias, na obra *Jeremias Pele*, uma História em Quadrinhos (HQs) escrita por Rafael Calça e ilustrada por Jefferson Costa (2018). A análise será feita com base no imbricamento da linguagem verbo-visual. Para tanto, inscrevemo-nos no campo dos Estudos Culturais em diálogo com a Análise de Discurso, especificamente, nas obras de Hirata (2014), Ribeiro (2019), Schwarcz (2017), Cesarino (2020), Hall (2016) e Foucault (1999; 2004) para pensar questões de identidade de gênero e de raça. A partir das análises, pudemos descrever como o racismo se encontra estrutural e socialmente presente, bem como ele incide na constituição de Jeremias a partir da trama narrativa da HQ analisada.

Abstract

Racism, in Brazil, impacts social spheres as family and school, delimiting practices resulting inequality, violence, discrimination that affects black population in 21st century. Thus, in this article, our main objective is to analyze the black identity constitution of the subject Jeremias, in the artwork *Jeremias Pele*, a comic book written by Rafael Calça and illustrated by Jefferson Costa (2018). This analysis will be based on the overlapping of the verbal-visual language. Therefore, we subscribe to the Cultural Studies in dialogue with Discourse Analysis, specifically, in the works of Hirata (2014), Ribeiro (2019), Schwarcz (2017), Cesarino (2020), Hall (2016) and Foucault (1999; 2004) to think race and gender identity issues. From the analysis, we could describe how racism is structurally present in Brazilian society as well as it takes effects in Jeremias constitution from the comic book analyzed.

Entradas para indexação

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Jeremias Pele. Discurso. Racismo.

Keywords: Comic books. Jeremias Pele. Discourse. Racism.

Texto integral

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pode-se dizer que Jeremias é o primeiro negro presente nas Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica, ele foi criado por Mauricio de Souza em 1960 e sua primeira aparição foi na história *Um rapaz de outro mundo*, mas só na história *Magriço, o terrível* é que passou a ser identificado como “Jeremias”, pois até então o personagem ainda não havia sido nomeado. Somente mais de duas décadas, após a sua criação, é que ele começou a protagonizar em algumas HQs, o que promoveu a voz de Jeremias, formulando assim maior representatividade. Finalmente, em 2018, o personagem ganhou uma Graphic MSP como protagonista intitulada *Jeremias - Pele* (2018), um romance gráfico do projeto de Mauricio de Sousa Produções que consiste em protagonizar personagens da *Turma da Mônica* em edições escritas e ilustradas por artistas brasileiros.

Neste artigo, traçamos por objetivo geral analisar a constituição identitária negra do sujeito Jeremias, na obra *Jeremias Pele*, uma História em Quadrinhos (HQs) escrita por Rafael Calça e ilustrada por Jefferson Costa (2018). A análise será feita com base no imbricamento da linguagem verbo-visual. Para tanto, inscrevemo-nos no campo dos Estudos Culturais em diálogo com a Análise de Discurso, especificamente, nas obras de Hirata (2014), Ribeiro (2019), Schwarcz (2017), Cesarino (2020), Hall (2016) e Foucault (1999; 2004) para pensar questões de identidade de gênero e de raça.

A HQ *Jeremias - Pele* (2018) é uma edição especial, escrita por Rafael Calça e ilustrada por Jefferson Costa, em que o menino “Jerê”, como é carinhosamente apelidado por seus pais, sofre com o racismo estrutural devido a sua cor de pele.

O racismo estrutural é constituído por práticas discriminatórias que fazem parte da ordem social brasileira e está presente na vida cotidiana, sendo “uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (ALMEIDA, 2018, p. 38). As práticas racistas instauram-se historicamente por meio do processo de colonização e comercialização de escravos negros pelos europeus e se lançam como dispositivos de poder atuando em nível epistêmico (HALL, 2006, p. 161). Assim, surge a diferença racial e a partir dela formulam-se vontades de verdade sobre o corpo negro em que a cor preta é associada supostamente à impureza e à incapacidade de pessoas pretas se organizarem socialmente, conforme pontua Hall (2006, p. 161). Nesse ínterim, naturaliza-se o discurso de que os negros precisavam ser corrigidos e punidos, haja vista, que eram considerados degenerados.

A comercialização europeia, no século XVI e a exploração do continente africano, no século XIX, foram acontecimentos históricos os quais permitiram a emersão de discursos de inferiorização do corpo negro. Foucault (1999, p. 304), ao falar sobre racismo, aponta um funcionamento distinto entre o racismo do século XVI e XIX. Para Foucault (1999, p. 304), a partir do século XIX o racismo é um mecanismo fundamental do poder exercido pelo Estado. E é, nesse escopo, que analisaremos o quadrinho escrito e ilustrado por Rafael Calça e Jefferson Costa.

Na história em quadrinhos em questão, Jeremias enfrenta várias situações de discriminação racial por parte de seus colegas de sala, da professora e até mesmo de pessoas que passam por ele no dia a dia, como por exemplo quando Jeremias está em um ônibus lotado e somente a cadeira ao lado dele fica vaga, então uma mulher branca entra e prefere ficar em pé a ter que se sentar ao lado do menino. A história inicia-se com Jeremias se divertindo ao lado de seus pais. Logo no início da trama, o menino todo sorridente demonstra o seu encantamento por astronomia enquanto assiste ao lançamento de uma nave espacial. Jeremias leva consigo essa paixão em todos os momentos, inclusive quando está na escola.

Dessa forma, lançar o olhar para esta obra é jogar luz sobre um personagem que passa por diversas formas de racismo e, por ser uma criança, em primeira instância, não compreende bem o funcionamento do racismo, mas, no decorrer da obra, começa a observar e a questionar as atitudes das pessoas em relação a ele. Jeremias é o melhor aluno de sua turma, mas os colegas dizem que é porque ele “cola”, e não por ser inteligente e estudioso. Optamos por manter o termo coloquial

“cola” por ter sido ele empregado na HQ, a palavra abrange o sentido de alguém que pega a resposta de atividades escolares dos outros pois não tem capacidade de formular algo autêntico.



Ao chegar na sala de aula a professora anuncia a “semana das profissões” em que cada estudante deverá ir vestido a caráter de algum profissional e apresentar uma redação sobre a importância dele. A professora decide escolher a profissão de cada um, e todos os discentes brancos recebem profissões que possuem um status social de prestígio como engenharia, medicina, polícia etc. Entretanto, quando chega o momento de a professora escolher a profissão de Jeremias, ela decide que o menino será o pedreiro, mas Jeremias responde que gostaria de ser astronauta o que provoca várias risadas na turma e a professora diz que é uma profissão muito “incomum” para o menino. Jeremias fica extremamente chateado e, a partir disso, começa a observar como é tratado com indiferença, piadas e chacotas em várias situações no decorrer da HQ. Como quando seus colegas de sala zombam de seu cabelo, que é chamado de “duro”, “esponja”, o que faz com que Jeremias decida cortá-lo, deixando seu cabelo destruído, e é nesse momento que resolve usar a famosa boina vermelha um presente de seu avô que era um pedreiro.

Os pais de Jeremias também passam por discriminações. Nos quadrinhos, em determinado momento o pai é parado por um policial que o julga como “foragido” por causa de sua cor. E, por outro lado, a mãe conta que sentia vergonha de seu cabelo e que em sua infância queria ter cabelos lisos e loiros. Mas apesar das situações adversas e constrangedoras seus pais sempre tentam mostrar para Jeremias a sua importância. Com o apoio deles, aos poucos Jeremias passa a se aceitar como é, e a entender a fala de seu pai que afirma “não é uma briga, é uma luta” (CALÇA; COSTA, 2018, p. 60). A trama finaliza com o menino Jerê se apresentando ao novo amigo com a seguinte frase: “Prazer, meu nome é Jeremias, e, um dia, eu vou contar histórias” (CALÇA; COSTA, 2018, p. 86).

Tendo realizado essa sucinta descrição da HQ, assim como de questões históricas e conceituais, trataremos, adiante, de noções norteadoras desta pesquisa.

1 CONSTRUÇÃO ESTÉTICA PARA O CORPO NEGRO

A noção de “intersecção”, enquanto uma proposta que busca “capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177), designa a interdependência das relações de poder de raça e gênero “abordando parcial ou periféricamente classe ou sexualidade” (HIRATA, 2014, p. 62). Sendo assim, o grau de racismo se diferencia de acordo com o gênero e posição socioeconômica do indivíduo, e a noção de intersecção abrange as complexidades referentes às desigualdades e discriminações sociais de modo a compreender como se dá essas práticas racistas integradas a questões de gênero. A interseccionalidade, assim como a Análise de Discurso, remete a uma teoria transdisciplinar, logo, é preciso lançar um olhar para além das diferenças entre homens e mulheres para ver que os padrões de desigualdade diferenciam homens brancos e negros e mulheres brancas e negras

considerando raça e gênero como fatores determinantes para as distâncias salariais ou desemprego (HIRATA, 2014, p. 63).

A partir da perspectiva interseccional entre gênero e raça, pode-se dizer que a cor preta foi - e, infelizmente, ainda é - associada a algo inferior, sendo essas práticas racistas mais incisivas quando referentes a mulher negra, que tem o corpo ultrassexualizado sendo “um corpo que passa por uma dualidade do ser. Ora é invisibilizado – desprezado e ora valorizado – ultrassexualizado” (TEIXEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 3).

Após o período do escravismo a população brasileira se tornou miscigenada, porém o olhar racista da elite acerca dessa miscigenação foi de que o Brasil não poderia progredir politicamente, culturalmente e economicamente. Essa miscigenação foi considerada nociva, “no final dos dezenove, a ponta de lança científica brasileira e a internacional diziam que a mistura de raças era prejudicial e que um país formado por raças muito diferentes estava fadado à decadência” (SCHWARCZ, 2007, p. 13).

As origens genéticas mestiças do povo brasileiro foram postas em um darwinismo racial. SCHWARCZ (2007, p. 12) observa que “a seleção natural daria cabo, no processo competitivo, das [raças] inferiores, que seriam postas sob controle ou eliminadas”. Por outro lado, o médico alagoano Arthur Ramos alterou a visão dos problemas nacionais, que partia de um referencial biológico, para um referencial cultural, assim as “falhas” presentes na cultura brasileira poderiam ser alteradas se os hábitos sociais herdados fossem modificados. (SCHWARCZ, 2007, p. 12).

No Brasil, é possível perceber inúmeras tentativas de branqueamento da nação através de imigrantes e separação de raças. Schwarcz (2007) comenta que no Congresso Mundial das Raças em Londres (1911), o antropólogo e médico João Batista Lacerda, apresentou uma tese de branqueamento racial, discorrendo sobre tornar a população brasileira totalmente branca dentro de 100 anos, através da seleção natural e implementação de políticas migratórias branca (SCHWARCZ, 2007, p. 14).

Já na instância jurídica, através de Sílvio Romero, surgiu a ideia de que essa mestiçagem seria um legado complementar de outros grupos raciais para os brasileiros eurodescendentes, sendo assim, os brasileiros deveriam sentir orgulho da miscigenação. Segundo SCHWARCZ (2007, p.13), “nos anos 1930 há uma exaltação oficial da mestiçagem como nossa profunda singularidade, a saída que o Brasil dará para o mundo. A ciência passa a deslegitimar a ideia de que a mestiçagem é ruim”.

Houve também uma “apropriação cultural” que ocorreu dentro desse processo histórico, que, ao ser observada, nota-se o quanto as culturas negras foram saqueadas e apropriadas historicamente pelo colonizador. Essas culturas passaram por um processo de embranquecimento sendo submetidas aos sentidos impostos pela visão cultural do colonizador: “Nessa sociedade marcada pela desigualdade e pelos privilégios a ‘raça’ fez e faz parte de uma agenda nacional pautada por duas atitudes paralelas e simétricas: a exclusão social e a assimilação cultural” (SCHWARCZ, 2007, p. 12).

Em face disso, surgiram vários debates acerca da “democracia racial brasileira”, tema o qual antropólogos analisaram de forma crítica como sendo um mito na sociedade brasileira.



A inferiorização da cor preta, de modo a invisibilizá-la, continua sendo reverberada na sociedade atualmente, podendo ser percebida em associações presentes na literatura, como por exemplo no conto “A princesa negrina” citado por Cesarino (2020). No conto, a personagem negra deveria obedecer a sua fada madrinha, caso contrário, ela continuaria sendo negra assim como seu futuro.

Nesse caso, a desobediência supõe um castigo que trará como consequência o futuro ruim; ao se referir a um futuro indesejado usando o termo “negro” há uma tentativa de naturalizar a representação da cor preta como algo detestável e abominável, “isso é fruto de uma construção cultural que procura naturalizar e relacionar a cor preta a um significado ruim” (CESARINO, 2020, p. 128).

Percebemos, portanto, o funcionamento de um processo histórico, social e cultural de naturalização da diferença racial:

A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são ‘naturais’- como acreditavam os proprietários de escravos-, estão além da história, são fixas e permanentes. A “naturalização é, portanto, uma estratégia representacional que visa fixar a “diferença” e, assim, ancorá-la para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável “deslizar” do significado para assegurar o “fechamento” discursivo ou ideológico. (HALL, 2016, p. 171).

A naturalização da diferença que ocorre nos séculos XVIII e XIX permanece ecoando no racismo estrutural tão fortemente concatenado na sociedade brasileira. Racismo, como postula Foucault (1999, p. 304) ao tratar sobre nazismo, é um mecanismo do biopoder que passa a funcionar a partir do século XIX. Embora o racismo tenha surgido em outros momentos históricos: “O racismo vai se desenvolver primo com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador” (FOUCAULT, 1999, p. 307). No século XIX, o racismo passa a ter um funcionamento diferente com a tecnologia do biopoder que é um dispositivo que se encarrega da vida e “conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra” (FOUCAULT, 1999, p. 302). Tal tecnologia é paradoxal, tendo em vista que as relações de poder e saber se movimentam nas práticas sociais em todas as suas camadas. Nesse sentido, para Foucault (1999, p. 303), a partir desse período, o poder soberano do Estado começa a recuar. Nos dizeres do autor:

Então, nessa tecnologia de poder que tem como objeto e como objetivo a vida (e que me parece um dos traços fundamentais da tecnologia do poder desde o século XIX), como vai se exercer o direito de matar e a função do assassínio, se é verdade que o poder de soberania recua cada vez mais que, ao contrário, avança cada vez mais o biopoder disciplinar ou regulamentador? (FOUCAULT, 1999, p. 303-304).



O Foucault afirma, ainda, que o racismo incide em outra face do biopoder, pois, ele desempenha a função de separar e de aniquilar o outro: “a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 1999, p. 305). Assim o racismo tem um efeito normalizante e normalizador na sociedade que precisa, indubitavelmente, ser alvo de crítica. E ao expor um certo grupo social a quaisquer situações de risco, aí está manifesta a prática do racismo, não apenas no ato de matar, mas também na exclusão (FOUCAULT, 1999, p. 306).

Tendo realizado tal percurso para entender o racismo nas sociedades em que funcionam ao modo do biopoder, afunilamos e nos deslocamos, a partir deste momento, historicamente para compreendermos a relação entre raça e gênero na contemporaneidade.

É a partir de dados populacionais de pessoas negras no Brasil que se evidencia essa relação. Pesquisa do IPEA (2011) aponta um crescimento da população negra ocorrida pelo aumento da autodeclaração como pertencente ao grupo de cor e raça em questão, e que no ano de 2009:

à mulher branca correspondia 55% da renda média dos homens brancos; para os homens negros, o percentual foi de 53%. No entanto, as mulheres negras, em que pesem o aumento da renda e a redução da desigualdade, permanecem bem isoladas na base da hierarquia social (sua renda média equivalia a 18% dos rendimentos percebidos pelos homens brancos, em 1995, e chega a 30,5% em 2009). (Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, IPEA, 2011 *apud* CESARINO, 2020, p. 128).

Por conseguinte, nota-se que as mulheres negras têm a renda inferior a de mulheres brancas e menor que a renda dos homens brancos e negros. Entendendo que o racismo está relacionado às desigualdades causadas por um ideal de supremacia racial, esses dados indicam que as mulheres negras estão no grupo mais oprimido, o que é decorrente do imbricamento entre raça e gênero, de modo que “a mulher negra sofre uma dupla opressão em relação à mulher branca” (CESARINO, 2020, p. 129).

No período colonial, a classe social/econômica, a raça e o gênero decretavam o lugar e papel do sujeito na sociedade. Cesarino (2020, p. 131) aponta que essa visão de mundo ainda é reproduzida, pois como a autora argumenta, “quem tem voz ativa é aquele que é branco, rico, ou de classe média, homem e heterossexual”.

Em controvérsia à visão do “dominante”, este artigo tenciona se inserir no rol de estudos que objetiva ouvir os grupos oprimidos, tentando evidenciar esses grupos de modo a reverter a ordem pré-estabelecida, como no caso das pessoas negras que são marcadas pela depreciação de sua cor, silenciadas e excluídas por questões de gênero e de raça.

Em face disso, tomamos o termo “raça” como uma construção social, observando o caráter pseudocientífico do termo, pois, conforme Schwarcz (2007) defende, cada cultura atribui um sentido à raça, entretanto, a humanidade é somente uma e as culturas é que são plurais.

No Brasil, as questões raciais foram – e ainda são – pontos propulsores para pensar em identidade, porém identidade, assim como raça, é uma construção que é feita em contexto e lutas sociais. De acordo com a psicanalista Souza (1983, p. 19), “a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior”. Diante disso, a noção de raça, no contexto brasileiro, é uma construção perversa que leva a uma estruturação hierárquica da sociedade e determina a posição do sujeito.

2 A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NEGRO

Na HQ, Jeremias vivencia na escola essa demarcação de lugar, a professora e os colegas de sala reverberam o paralelismo entre a cor negra e inferioridade ao impor ao personagem uma profissão de posição social considerada inferior.

A seguir serão apresentadas algumas análises da *HQ Jeremias - Pele* (2018):



Figura 01 – Demarcação de lugar
Fonte: Calça e Costa (2018, p. 22).

Nos quadrinhos da imagem 01, Jeremias na sala de aula, ao ouvir que deveria ser o pedreiro, expressa seu desejo de ser astronauta. O personagem está sendo ofuscado pela construção imaginária da professora, que insiste em estereotipar Jeremias. As expressões faciais do menino demonstram que ele está se sentindo oprimido dado o abaixar da cabeça na terceira cena da figura 01. A sombra da professora branca, presente no fundo das três primeiras cenas, demarca uma posição de superioridade.

Os colegas são todos brancos e riem ao ouvir a sugestão de Jeremias, o personagem de camisa listrada dá gargalhadas demonstrando desprezo. O riso “maquia o racismo por meio da descontração. É um racismo negado, velado, que nunca deixou de circular entre os brasileiros” (SANTOS, 2019, p. 19). Nesse sentido, o riso inscreve-se como um acontecimento discursivo, haja vista a sua regularidade sócio-histórica e cultural em alguns contextos de fala.

Os colegas de sala de Jeremias têm diferentes expressões discursivas, o menino da primeira fileira coloca a mão na cabeça sugerindo ser inconcebível um negro alcançar posições sociais consideradas superiores. A menina, que está na segunda carteira, coloca a mão na boca indicando um riso sutil. SANTOS (2019, p. 22) aponta que “a agressividade é mascarada pela sutileza do riso”. Sendo assim, o riso é uma forma de silenciamento de Jeremias. No quadrinho, lança-se um olhar objetivador que o coloca em posição inferior, como alguém que não deve ter direito de escolha. Essa imagem produz sentidos quando nós olhamos para Jeremias e vemos suas expressões. Os efeitos produzidos materializam uma violência e opressão cotidianamente sofrida por pessoas pretas no Brasil.

O silêncio da professora autoriza os risos e indica concordância com a ideia racista de que o lugar do menino negro deve ser em espaços de menos privilégios sociais como, por exemplo, o de pedreiro. Sendo assim, pode-se dizer que a instituição “escola”, que é materializada na professora, às vezes silencia e legitima as práticas excludentes relacionadas às identidades: “Permeadas por uma falsa ideia de cordialidade entre as raças [...]. A nação é caracterizada por formas legitimadas, institucionalizadas e tácitas de preconceito e discriminação racial” (SANTOS, 2019, p. 37).

Na obra de Calça e Costa (2018), a escola é retratada como uma instituição de poder para o adestramento e reprodução de formas de sujeitos moldados para ocupar determinadas posições sociais. Isso acontece através de técnicas que vigiam e validam os papéis dos indivíduos no espaço escolar (FOUCAULT, 2004, p. 143).

Dessa forma, a sociedade brasileira é marcada por desigualdades e privilégios fundamentados em ódios históricos que foram nomeados a partir de raça e de etnia em que o sistema sócio-histórico submeteu os povos negros a um processo discriminatório que teve como objetivo o tratamento dos sujeitos como objetos. Essa divisão de raça constituiu um sistema de discriminação racial que foi naturalizado na modernidade, naturalização essa que tornou o racismo no Brasil em uma violência silenciada.

SCHWARCZ (2007, p. 15), nesse sentido, afirma que “praticamos uma política perversa de exclusão e de discriminação. Então, não há a tal democracia social ou racial”. A desigualdade social no Brasil está imbricada a questões raciais, pois o sistema de discriminação racial nega o acesso a direitos econômicos e sociais aos negros, o que é evidente se observarmos as cores que predominam em cada classe social, sendo assim, a discriminação racial é escamoteada no “mito da democracia racial”.

As telenovelas, músicas, livros literários etc., muitas vezes, representam as pessoas negras estereotipadas, colocando-as em papéis de menor importância, além de haver pouco direcionamento de pessoas negras para os papéis de protagonista nas tramas televisivas. Essa pouca representatividade configurou o surgimento, por exemplo, da *black face*.

Black face ocorre quando atores brancos pintam o rosto de preto para encenar personagens negros, como a personagem “Adelaide”, no programa Zorra Total, interpretada por Rodrigo Sant’Anna, que pintava a pele de preto em um quadro de humor no programa Zorra Total. Quando há algum personagem negro, ele é representado de forma discriminatória, como por exemplo o personagem

“Mussum” do programa *Os Trapalhões*, que era estereótipo do bêbado e sofria várias piadas racistas. Ribeiro (2019, p. 37) comenta que “o efeito cômico de Mussum era um exemplo do tipo de humor que visa provar uma suposta superioridade do homem branco em relação ao homem negro”. O mesmo ocorre com um dos personagens negros da HQ, que se torna objeto de humor por ter características afrodescendentes.

Vejam, por exemplo, como esse corpo negro/preto é retratado por um aluno na trama narrativa da HQ:



Figura 02 – Humor, riso e racismo

Fonte: Calça e Costa (2018, p. 24).

A professora define que o aluno negro irá representar o jornalista na semana das profissões. Sua expressão facial denuncia uma falta de credibilidade de que o menino possa de fato alcançar essa profissão e o gesto feito com a mão indica que só escolheu a profissão para o menino porque já não havia outras opções. Por conseguinte, o personagem aceita representar o jornalista, porém a indicação de concordância com o polegar demonstra que essa não era a profissão que ele gostaria, mas como não foi dada a ele a chance de escolha apenas assentiu fazendo o gesto.

Ao escutar a escolha da professora, o colega branco faz uma piada racista discriminando o nariz do colega de turma negro. Ele faz uso do elemento lexical “faro” na tentativa de desumanizar o menino negro, visto que “faro” é o olfato dos animais, promovendo assim uma suposta superioridade do homem branco. Santos (2019, p. 17) aponta que “esse tipo de humor, caracterizado sobretudo pela agressividade, toma como objeto de escárnio alguém ou um grupo que já está em uma situação desfavorável socialmente [...], reforçando os estigmas e segregações”. A animalização faz que sentidos outros deslizem sobre o corpo negro/preto para que o preconceito se legitime sócio e historicamente (MENDES; FIGUEIRA-BORGES, 2017). Animalização essa que carece ser alvo de discussão na escola, haja vista que, na HQ, o aluno de cabelo ruivo sorri sutilmente da piada feita pelo colega, o que contribui com o silenciamento e perpetuação do racismo, pois o riso indica concordância com as práticas racistas.

Também é necessário questionar a proporção de pessoas negras e brancas em alguns espaços e níveis mais elevados das camadas sociais e romper, assim, com a ideia do “negro único”, outro aspecto de democracia racial, em que uma empresa, ao contratar uma pessoa negra, usa o argumento de que aquele espaço de poder cumpriu seu papel na luta antirracista. Foucault, ao falar sobre o racismo moderno, observa que “o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano” (FOUCAULT, 1999, p. 309). No exercício de excluir física e politicamente minorias, pessoas pretas, LGBTQIA+ etc. o Estado afirma a sua soberania constituída nas teias das relações e práticas sociais. Assim, normaliza-se a presença de corpos brancos nos mais diferentes lugares, enquanto os corpos negros/pretos são postos no lugar da diferença, da anomalia. Esses saberes são operacionalizados por práticas de poder que circulam nas mais distintas esferas da população.

O racismo estrutural, no Brasil, pode ser evidenciado na falta de representatividade da negritude, como o fato de ainda haver poucas pessoas negras em cargos de jornalistas, como destacado pela professora, assim como cineastas, redatoras, produtoras, roteiristas, posições em departamentos considerados superiores, como medicina, advocacia e engenharia. Por isso a extrema importância de questionarmos a ausência de negros em produtos culturais, na mídia, cargos mais altos, até mesmo a falta de representatividade em brinquedos e manequins de lojas.

Os pais de Jeremias, ao dialogarem sobre racismo com o filho, relembram suas frustrações de infância acerca da falta de representatividade em programas de TV, lojas, produtos entre outros:



Figuras 03 – Representatividade
Fonte: Calça e Costa (2018, p. 62-63).

Jeremias observa as vitrines e tem a percepção do quanto a falta de representatividade negra segue sendo perpetuada, a expressão assustada do personagem ao olhar para o seu reflexo no vidro indica um despertar para questionar ausências advindas do racismo estrutural. As duas crianças ao lado de

Jeremias são os seus pais, quando crianças, e expressam as dores causadas pelo racismo que marcaram toda a constituição dos sujeitos desde a infância.

A mãe de Jeremias, por ser mulher, sofre uma discriminação dupla, as questões raciais quando imbricadas à de gênero denotam uma discriminação duplicada, pois além de sofrer a discriminação de gênero também convive com o racismo. No primeiro quadrinho, ela está com os cabelos trançados enquanto as mulheres representadas nos manequins têm cabelos lisos, loiros, longos e soltos. A mulher negra faz parte do grupo de pessoas que tem menos acesso a direitos, são as que menos se casam, maiores vítimas de violência sexual no Brasil “segundo o relatório ‘MulheresSemPrisão’: Enfrentando a (in)visibilidade das mulheres submetidas à justiça criminal’, desenvolvido pelo Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC), 68% das encarceradas são negras” (RIBEIRO, 2019, p. 48). Além disso, existe uma ultrassexualização dos corpos negros femininos.

A feminista negra Ribeiro (2019) enfatiza que é necessário fazermos questionamentos acerca dos padrões estéticos que desumanizam as mulheres negras:



Figura 04 – Padrões estéticos

Fonte: Calça e Costa (2018, p. 60).



Figura 05 – Aceitação e liberdade
Fonte: Calça e Costa (2018, p. 61).

Nos quadrinhos da imagem 04, a mãe de Jeremias comenta com o filho que na infância sua mãe trançava seus cabelos e, mesmo machucando, ela aceitava seguir um padrão estético desumano, pois seu cabelo era considerado inferior ao cabelo liso e loiro, sendo assim, era uma forma de diminuir as discriminações que sofria por ser mulher negra e ter o cabelo afrodescendente. Com isso, vemos que o “discurso é o que pode ser usado para persuadir e monitorar, ferramenta de poder que produz identidades, condutas e subjetividades as quais a mulher muitas vezes se vê obrigada a assumir” (ALMEIDA; MENDES, FIGUEIRA-BORGES, 2021, p. 4). E, nesse sentido, a escola é um espaço no qual se pode desconstruir as relações de poder vigente na sociedade por meio de uma reorganização nas redes discursivas que constituem a subjetividade dos alunos (SILVA; FIGUEIRA-BORGES, 2021).

Logo em seguida, na imagem 05, a mãe de Jeremias observa os manequins, que representam apenas pessoas brancas, e comenta a dificuldade de aceitação de si mesma como consequência do racismo estrutural, externando o sofrimento que a discriminação racial ocasiona a partir da falta de representatividade negra. Na sua infância, ela não podia ser quem ela é, uma vez que a sociedade a considerava diferente por ser negra.

Na tentativa de ser aceita na sociedade e poder viver livremente sem ser discriminada por seus traços, a mulher escamoteava traços negros de seu corpo como, por exemplo, os cabelos, a boca e o nariz, desejando espelhar em seu corpo um padrão discriminatório construído sócio e historicamente. Nesse processo de aceitação, a mulher negra relembra que encontrar outras mulheres negras usando os cabelos soltos e livres fez com que ela se sentisse enfim representada e encorajada a também soltar seu cabelo. E enfatiza para o filho o quanto a representatividade de mulheres negras foi importante para que ela pudesse se libertar dos estereótipos impostos a ela. Segundo HALL (2016, p. 191) “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”, ademais convém dizer, também, que “implanta uma estratégia de ‘cisão’, divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável”. Dos estereótipos, portanto, podem emergir sentidos de exclusão e desigualdade, haja vista a produção saberes sobre o corpo preto/negro.

Em face disso, a partir da noção de intersecção, a autora Cesarino (2020) cita a antropóloga Stolcke (1991) para fazer reflexões sugerindo como o papel da mulher na cultura ocidental se relaciona com “raça”, destacando a desigualdade na sociedade levando em consideração a intersecção entre raça, gênero e classe. Nesse sentido, Cesarino (2020, p. 135) observa que “a teoria feminista até então compreende as mulheres como uma categoria que não possui diferenças”. De modo que, o feminismo não aborda as formas de exclusão e de invisibilidade específicas que incidem sobre o corpo das mulheres negras e que não entram no padrão da mulher branca, sendo a análise interseccional fundamental para compreender como classe, raça e gênero estão interligados e formam fatores comuns como também experiências distintas para as mulheres (CESARINO, 2020, p. 135). Sob essa perspectiva, os fenômenos discriminatórios são analisados levando em consideração como diferenças raciais são/estão construídas pelo gênero e como as experiências e a divisão de identidade e de classe ocorrem de acordo com o gênero, interpelando como o racismo afeta mulheres e homens de formas específicas.

Essas categorias (raça, classe e gênero) devem ser pensadas em conjunto para que haja um rompimento das opressões estruturantes, pois “pensar a interseccionalidade é entender que não pode haver valorização de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura” (CESARINO, 2020, p. 139).

Hirata (2014, p. 63) cita que, no Brasil, algumas pesquisas mobilizam “raça e gênero para explicar desigualdades salariais ou diferenças quanto ao desemprego”, dando ênfase as pesquisas realizadas por Guimarães e Britto (2008) que apontam que “as mulheres brancas e negras têm trajetórias duradouras nas ocupações de menor prestígio e de más condições de trabalho, como o emprego doméstico, atividade em que as mulheres negras são mais numerosas” (HIRATA, 2014, p. 63). E em relação aos homens negros, esses, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se abaixo das mulheres brancas e estão em menor proporção se comparados aos homens brancos, além de sofrerem maior instabilidade ao ocuparem o mesmo cargo de um homem branco (HIRATA, 2014, p. 64).

Na HQ, a professora escolhe a profissão de cada aluno, os brancos representam profissões superiores enquanto os negros representam as profissões socialmente inferiorizadas, repercutindo assim, as opressões estruturantes que antecedem desigualdades salariais e diferenças relacionadas ao mercado de trabalho como o desemprego.



Figura 06 – Classes subalternas
Fonte: Calça e Costa (2018, p. 70).

Portanto, a inferiorização do corpo negro é perceptível na imagem 06, acima, na qual a profissão da menina preta é inferior à profissão escolhida para a menina branca, o mesmo ocorre com os meninos, o personagem negro é estereotipado como jogador de futebol por não ser uma profissão que exige alto nível de escolaridade como para ser advogado. A questão racial produz gêneros subalternizados, diante disso, Hirata (2014, p. 69) defende que a interseccionalidade “é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e, portanto, como um instrumento de luta política”. A interseccionalidade nos permite pensar o corpo enquanto um complexo de forças que estão em contínuo movimento (FIGUEIRA-BORGES, 2018, p. 146).

3 O CORPO NEGRO NO CENTRO DO PRECONCEITO

A escritora Ribeiro (2019), em “Pequeno Manual Antirracismo”, aponta que o “sistema escravocrata ainda impacta a forma como a sociedade se organiza. É necessário reconhecer as violências ocorridas durante o período escravista” (RIBEIRO, 2019, p. 7). A autora também ressalta o resultado de uma pesquisa feita em 1995 pelo Datafolha, em que mostrou que “89% dos brasileiros admitiam existir preconceito de cor no Brasil, mas 90% se identificavam como não racistas” (RIBEIRO, 2019, p. 10). Sendo assim, chegou-se à conclusão de que a maioria dos brasileiros não se considera racista, porém isso ocorre porque muitas pessoas não têm a percepção de que o racismo é algo estrutural.

Dessa forma, nota-se a suma importância de as pessoas conhecerem a história dos povos que construíram a sociedade na qual estão inseridas, não somente pelo ponto de vista da história contada pelo poder, mas pelo olhar do oprimido, da raça inferiorizada historicamente, como observa Foucault (2008). O posicionamento crítico e a conscientização dos processos históricos, bem como reconhecer e questionar o sistema de opressão racial que nega direitos e que foi sendo estruturado a partir de violências ocorridas durante o período escravista, é importante para que práticas de discriminação racial não sejam reproduzidas e perpetuadas.

A HQ relata algumas práticas discriminatórias como, por exemplo, nas cenas em que o pai de Jeremias é abordado por policiais sem ter cometido nenhum

motivo suspeito, sendo essa abordagem um reflexo do preconceito que nega direitos e restringe a liberdade de locomoção do sujeito negro nos espaços.



Imagem 07 – Opressão

Fonte: Calça e Costa (2018, p. 49).

O preconceito racial é perceptível na imagem 07, acima, quando o pai de Jeremias é abordado por policiais pelo fato de ser negro. Barros (2006, p. 10), após levantamento de dados, afirma que “a cor da pele é o principal fator de suspeição entre os policiais militares”. Nos quadrinhos, o policial exige algo que comprove que o homem negro não é um foragido, logo o personagem entrega sua carteira de trabalho. Os braços cruzados para trás indicam submissão diante da opressão enquanto seus objetos pessoais são examinados, sendo uma invasão de privacidade.

Trata-se aqui do racismo de viés institucional, que atua de forma racista a partir de uma condição histórica estrutural, França (2021, p. 128) aponta que “o sistema policial moderno mostra-se apresentando características do modelo antigo, privado, que se baseava na perseguição, captura, açoite e controle da população negra e escrava”. Os policiais reagem com ironia a respeito da profissão constatada na carteira de trabalho do pai de Jeremias, insinuando ser falsa, reverberando assim a discriminação racial, sendo essa uma das formas do racismo estrutural no Brasil.

É importante analisar a relação entre escravidão e racismo, adentrando assim à perspectiva histórica e a resultante do período escravocrata. Determinadas leis brasileiras contribuíram para a exclusão e para a marginalização dos povos negros durante e após a escravidão, como a Lei de Terras de 1850 que garantiu todos os direitos de terras brasileiras para o Estado determinando a apropriação de terrenos apenas mediante compra (RIBEIRO, 2019, p. 6). Porém, após a abolição da escravatura não houve apoio social aos ex-escravizados, a discriminação pela cor preta prosseguiu e assim ex-escravos agregaram-se à população pobre. Dessa forma, de acordo com Ribeiro (2019, p. 6), acerca da lei de 1850: “ex-escravizados tinham enormes restrições, pois só quem dispunha de grandes quantias poderia se tornar proprietário”. Além disso, a Constituição do Império de 1824, que determinou a educação como um direito de todos os cidadãos, incluiu apenas os negros libertos e, ainda assim, “esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação”

(RIBEIRO, 2019, p. 6). O racismo, no Brasil, tem suas particularidades, a maior delas talvez seja o silêncio advindo do mito da democracia racial o que gera a falsa ideia de harmonia de raça:

Concebido e propagado por sociólogos pertencentes à elite econômica na metade do século XX, esse mito afirma que no Brasil houve a transcendência dos conflitos raciais pela harmonia entre negros e brancos, traduzida na miscigenação e na ausência de leis segregadoras. (RIBEIRO, 2019, p. 9-10).

Dessa forma, em um país em que há um enorme sistema de opressão, a discriminação racial passa a ser naturalizada levando-nos a atuar através da violência racial porque saberes foram constituídos para que tal prática emergisse. É importante ressaltar que “o racismo é sempre uma perversão. Não há nada de natural nele, que é uma construção cultural nascida das profundas diferenças sociais que nos dividem” (SCHWARCZ, 2007, p. 13). Negar o racismo é colocá-lo na invisibilidade, logo, é importante não só reconhecer a opressão como também nomeá-la para que assim seja possível combatê-la.

Nas vinhetas a seguir, alguns colegas de sala sempre fazem piadas racistas com Jeremias, e durante um passeio ao museu um dos meninos brancos ofendem a cor do menino ao dizer que ele deve ter cuidado para não se perder no lado escuro da lua (CALÇA; COSTA, 2018, p. 29), e seu amigo mais próximo acha a frase engraçada por já ter sido naturalizada e acaba compactuando com a discriminação racial, enquanto Jeremias fica extremamente ofendido.



Figura 08 – Discriminação naturalizada

Fonte: Calça e Costa (2018, p. 29).

Os colegas de sala fazem piadas acerca da cor de Jeremias com o intuito de inferiorizar e discriminar a cor preta, partindo do fato de a cor ser comumente usada de forma pejorativa, sendo sempre associada e representada socialmente ao que é ruim e mal. As expressões faciais de Jeremias, como o olhar de baixo para

cima, sobrancelhas baixas, bem como os traços no seu rosto, indicam o sentimento de raiva imbricado com o silenciamento diante da opressão.

Em seguida, Jeremias percebe que seu amigo está rindo da piada, o que o deixa extremamente decepcionado, mas o faz perceber que seu amigo é branco e como branco dificilmente teria que escutar uma piada inferiorizando sua cor. No último quadrinho, Jeremias vira de costas para o seu amigo pois torna-se perceptível para ele que há uma divisão de raça em que o branco tem privilégios por sua cor enquanto o seu amigo branco demonstra não compreender o motivo de Jeremias se sentir ofendido, indicando não reconhecer seu posicionamento racista, o que ocorre por ter sido a opressão naturalizada.



Figura 09 – Miscigenação
Fonte: Calça e Costa (2018, p. 29).

Logo após ter sido ofendido por outros colegas de sala através de piadas racistas, na imagem 09, Jeremias sai chateado e seu amigo tenta consolá-lo com a desculpa de que a piada foi apenas uma “brincadeira”. A postura de seu amigo faz com que ele compactue com o racismo e coloque-o na invisibilidade. Ao dizer que Jeremias é moreno, sugere a ideia de que ele tem características brancas, inferiorizando as de descendência africana. Além disso, no senso comum brasileiro, dizer que uma pessoa negra é apenas “morena” indica uma tentativa de ser menos ofensivo por ser “negro” um termo tido como negativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História em Quadrinhos *Jeremias - Pele* evidencia como ocorrem algumas práticas racistas no Brasil, que, como abordado neste artigo, são silenciadas e naturalizadas, tornando-se aspectos estruturais na sociedade. Em face disso, esta pesquisa buscou analisar a constituição identitária do sujeito Jeremias de modo a dar voz aos grupos oprimidos e desconstruir paradigmas relacionados a questões raciais, levando em consideração reflexões de desigualdades sociais através da intersecção entre raça e gênero. O sujeito “Jeremias”, no decorrer da história, tem

sua identidade constituída a partir da aceitação de sua cor, reconhecendo a necessidade de lutar por direitos e não se calar diante de situações discriminatórias advindas do racismo estrutural. A análise partiu do imbricamento da linguagem verbal com a linguagem visual presente nos quadrinhos, que denunciam o racismo em suas várias formas de ser concretizado, tendo como base os Estudos Culturais e Análise de Discurso de vertente foucaultiana.

A pesquisa enfatiza que vivemos relações raciais e que essa divisão de raça constituiu um sistema de discriminação racial naturalizada. Normalização essa que transformou o racismo no Brasil em uma violência silenciada. Assim, salientamos a importância de compreender como o racismo é constituído e reverberado, como também reconhecer privilégios que acompanham a população branca, para que assim, haja despertamento para posturas antirracistas por meio da desconstrução de práticas discriminatórias e de privilégios sociais. O personagem Jeremias representa a população negra, que, como forma de resistência, se posiciona contra o racismo e busca influenciar pessoas negras e não-negras a também lutarem contra discriminações raciais.

Por fim, ressaltamos a importância das Histórias em Quadrinho como ferramenta de combate ao racismo. Sendo assim, a nona arte é fundamental em diálogos acerca do racismo e temáticas relacionadas à negritude, sobretudo, nas escolas, instituição que muitas vezes silencia e legitima as práticas excludentes. Também sugerimos a continuidade desta pesquisa tendo como objeto de análise a recém-lançada segunda edição da HQ *Jeremias - Pele* intitulada como *Jeremias - Alma*, também escrita por Rafael Calça e ilustrada por Jefferson Costa, lançada em dezembro de 2020.

Referências

ALMEIDA, Marília Silva; MENDES, Tainara Rodrigues; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Ressignificação da identidade de gênero de Sun Bak na série Sense8: ser mulher pela arte marcial. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, Iporá, v. 10, n. 2, p. 1-21, 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARROS, Geová da Silva. *Racismo institucional: a cor da pele como principal fator de suspeição*. Recife: Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1615/1/arquivo4903_1.pdf. Acesso em: 02 mar. 2022.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. *Jeremias: Pele*. São Paulo: Panini Brasil, 2018.

CESARINO, Flávia Tortul. Interseccionalidade e mulher negra: raça, classe, gênero e religião. *Sacrilegens*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 127-150, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas* [online], v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FRANÇA, Fábio Gomes de. O perigo negro! A herança racista da polícia moderna no Brasil. *O Público e o Privado*, Fv. 19, n. 40, 2021.

FIGUEIRA-BORGES, G. Female body, discursive threads and the “slutwalk” movement. *Revista do GELNE*, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 142-152, 2018.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

MENDES, Lauriane Guimarães; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Construções do corpo negro em livro didático de língua portuguesa. *Revista Ícone*, São Luís de Montes Belos – GO, v. 17, n. 02, p. 117-131, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Fabyanne Wilke Costa. *Riso, humor e racismo: narrativa de exclusão*. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12445/2/FABYANNE_WILKE_COSTA_SANTOS.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quase pretos, quase brancos. *Revista Pesquisa Fapesp*, ed. 134, abril, 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/quase-pretos-quase-brancos/>. Acesso em: 26 out. 2021.

SILVA, Érica Rogéria; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Representations of Women in Visual-Linguistic Materialities in High School Portuguese Textbooks. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 24, n. 3, p. 29-41, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TEIXEIRA, M. S.; QUEIROZ, J. M. *Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra*. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.

Para citar este artigo

SILVA, Jeicinayra Vasconcelos; RAMOS, Loyanny Alves; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. A constituição do sujeito Jeremias a partir de construções de raça e de gênero na HQ Jeremias Pele, de Rafael Calça e Jefferson Costa. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 1, p. 03-23, jan.-abr. 2023.

Os autores

Jeicinayra Vasconcelos Silva é graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Goiás (2022). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1892-5156>.

Loyanny Alves Ramos é mestranda no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/ UEG) com pesquisa fomentada pela FAPEG. Integrante do Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche (UEG - GEDIN/CNPq). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa pela FAVENI. Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Inglesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás. Professora com experiência no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e na Educação de jovens e adultos (EJA) pela rede pública e privada de ensino do Estado de Goiás. No momento, atua como docente do Ensino Superior do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6597-1778>.

Guilherme Figueira-Borges é doutor (2014) em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Atualmente, é Docente de Ensino Superior Doutor (DES IV) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Câmpus Inhumas, atuando no Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Está credenciado, também, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFMG Catalão). É coordenador do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche (GEDIN/UEG/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7770-7245>.